

CASO ENCERRADO...

NEWTON CUNHA

A Polícia Civil e o governo do Estado consideram encerrado o caso do assassinato do promotor Francisco José Lins do Rêgo Santos, de 43 anos, executado na Zona Sul de Belo Horizonte, em 25 de janeiro. Hoje, no início da tarde, o delegado Wagner Pinto, da Delegacia de Homicídios de Belo Horizonte, remete à Justiça o inquérito que inicia por homicídio duplamente qualificado o empresário Luciano Farah, proprietário da rede West Combustíveis (mandante do crime), o soldado Edson Nogueira (autor dos disparos contra o promotor), e o office-boy Geraldo Roberto Parreiras (co-autor do homicídio).

Até quarta-feira à noite, a polícia ainda tentava levantar nomes de outros envolvidos com a morte do promotor, mas não conseguiu provas. Ainda há suspeitas do envolvimento de outras pessoas, inclusive policiais militares que faziam segurança para o empresário Luciano Farah.

Ontem de manhã, ao receber o resultado dos exames de balística e psicológica, o delegado Wagner Pinto anunciou o encerramento do inquérito, referendado pelo promotor Rogério Felipe, que acompanha as investigações junto à Polícia Civil desde a execução de Lins do Rêgo. Para o delegado, o mais surpreendente foi o resultado do exame de balística. Os disparos que mataram o promotor não partiram de qualquer das duas armas apreendidas pela polícia na casa de policiais militares suspeitos de estarem envolvidos com o crime.

INCERTEZA

Nesse caso, a versão apresentada pelo soldado Edson, réu confessado do crime, é a mais realista. Ele afirmou que, dias após a execução, obedecendo a ordens de Luciano Farah, jogou a arma, uma pistola calibre 380, no Ribeirão Arrudas. "Mas o exame de balística não aponta sua culpa, uma vez que ele confessou o crime e, além de termos várias



BRECHA
Delegado Wagner Pinto exhibe a PT-380 perdida. Exame mostra que a arma não foi usada no assassinato e polícia conclui a apuração sem o instrumento do crime

outras provas contra os três", explicou o delegado.

O exame genético confirmou que as amostras encontradas em uma agenda são mesmo do office-boy Geraldo Parreiras. Conforme o inquérito, Parreiras, a mando de Farah, seguiu os passos do promotor Lins do Rêgo, um mês antes da assasinação, para planejar o melhor local e a hora ideal para matá-lo. Todas as informações foram anotadas na agenda.

O exame de local confirma a mecânica do crime, ocorrido na esquina da rua Joaquim Murinho com avenida Prudente de Moraes, bairro Cidade Jardim. O promotor parou seu Golf verde em um sinal, quando era seguido, desde sua casa, na rua Carangola, pela moto pilotada por Farah, com o soldado na garupa.

Farah emparelhou a moto ao lado do carro do promotor e ordenou que Edson atirasse. Ele elegeu vários disparos. O carro

chegou a voltar aproximadamente sete metros de ré. O soldado ainda fez outros disparos para certificar-se do sucesso da operação. "Todos os detalhes analisados pelos peritos estão condizentes com a nossa investigação, e que reforça o indiciamento dos três", acrescentou o delegado Wagner Pinto. O inquérito passa a ser analisado na semana que vem pelo Ministério Público, que deverá oferecer denúncia contra os acusados.

DUAS INVESTIGAÇÕES

Os dois inquéritos realizados pelas polícias Civil e Federal para apurar a execução do promotor Francisco José Lins do Rêgo Santos têm o mesmo destino, o II Tribunal do Juri de Belo Horizonte. Apesar de ser procedimentos distintos, os dois inquéritos devem ser juntados para formar um único processo. Caberá então ao Ministério Público analisar toda a documentação, para oferecer denúncia aos indicados: o empresário Luciano Farah, o soldado PM Edson Souza Nogueira de Paula e o office-boy Geraldo Roberto Parreiras.

...COM PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Apesar da quantidade de pessoas e recursos envolvidos na investigação do assassinato do promotor Francisco José Lins do Rêgo Santos, várias perguntas continuam sem respostas após a conclusão do inquérito. Uma das principais é o paradeiro da arma utilizada para matar o promotor. Apesar de duas PTs semelhantes à utilizada no crime terem sido apreendidas durante as investigações, o exame de balística constatou que não saíram delas as balas que mataram Lins do Rêgo. O empresário Luciano Farah, apontado como mentor intelectual do crime, possui duas pistolas desse tipo

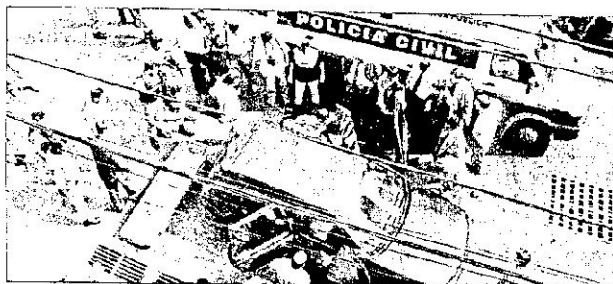
registradas no Departamento Estadual de Operações Especiais (Deoesp), mas elas não foram localizadas.

A agilidade demonstrada pelos investigadores em indiciar as pessoas que são apontadas como participantes da execução não permitiu responder a outras questões. Uma delas é se o veículo Marea de placa GYB-4755 - de Contagem, de propriedade de Luciano Farah, foi utilizado para dar cobertura aos criminosos. O carro tem uma multa aplicada próximo ao local onde o promotor foi morto dois dias antes da execução. Porém, a polícia não conseguiu compro-

var se o carro encontrava-se no local no dia do crime e, se estava, quem estava em seu interior.

SUSPEITAS

A polícia ainda suspeita da participação de uma quarta pessoa no crime, a ém de Luciano Farah, do soldado Edson Nogueira e do office-boy Geraldo Roberto. Outros integrantes da família Farah são investigados, além de funcionários da rede West Combustíveis. Um irmão e sócio de Luciano, Cristiano Farah, além de uma funcionária da rede West, chegaram a ser presos, mas foram soltos por falta de provas.



DÚVIDAS
Morte do promotor deflagrou esforço concentrado que levanta suspeição sobre um quarto envolvido